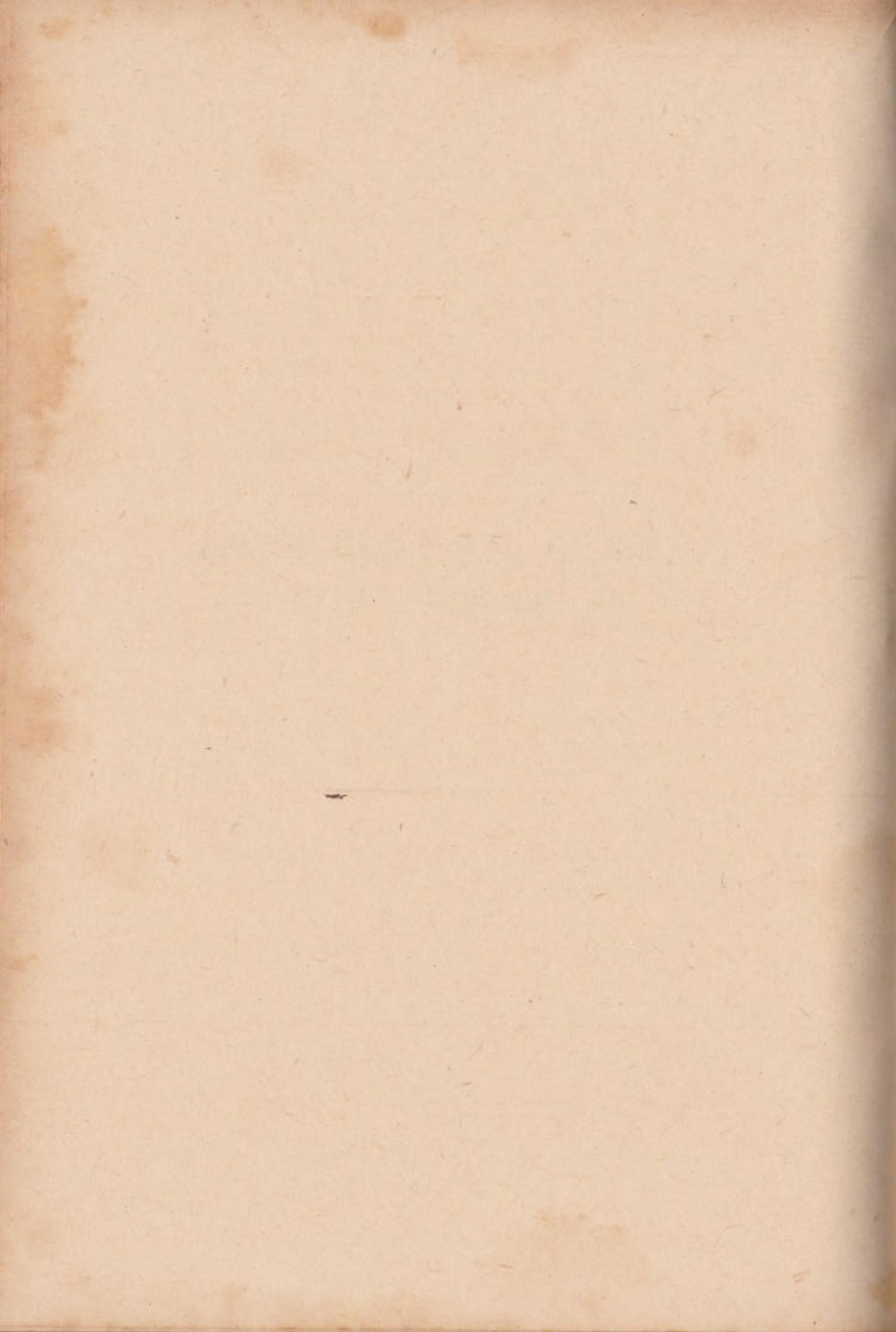


PLÍNIO SALGADO

*O Poema
da Fortaleza
de Santa Cruz*





A Fortaleza e o Poema

Em 1939, prêso na Fortaleza de Santa Cruz, por motivos políticos, tive a fortuna de me encontrar com o meu saudoso amigo Coronel Timóteo Machado, então comandante daquela praça de guerra. Nobre e lúcido espírito, votado ao culto da História e da Arte, a êle fiquei devendo momentos de grande conforto, pois nas suas horas disponíveis levava-me a percorrer os recantos da velha praça, ao mesmo tempo que me revelava curiosos fatos históricos e me iniciava nos mistérios das lendas perpetuadas, dentro daqueles muros veneráveis, através das gerações de soldados que ali sucessivamente iam servindo, desde o século XVI até os nossos dias.

Impressionaram-me de tal forma as lendas da Fortaleza e o ambiente evocador das nossas tradições históricas e militares, que principiei a exprimir a emoção que me dominava compondo, noite a noite, o poema em cujos versos pus todo o meu amor pelo Brasil.



A Fortaleza de Santa Cruz, inicialmente construída pelos portugueses, quando enfrentaram a primeira invasão francesa, em 1555, foi se engrandecendo no curso dos séculos como realização monumental da engenharia do tempo.

Encontrando-se na entrada da baía de Guanabara, o velho forte domina o oceano e o vasto panorama das montanhas que emolduram a Capital Brasileira.

Desde Estácio de Sá, a Fortaleza de Santa Cruz esteve presente à evolução histórica do Brasil-Colônia e do Brasil-Império, desempenhando muitas vezes importante papel nos fastos da vida nacional.

Em 1599 contra Van Noort, em 1710 contra Duclerc, em 1711 contra Duguay-Trouin, os seus canhões troaram na defesa da integridade territorial da nossa Pátria. A partir de 1713, começam a executar-se obras no sentido de dar maior eficiência ao poder militar da fortaleza. Mas é principalmente, do governo do Conde da Cunha em diante (1767) que se planejam e lentamente se executam construções mais definitivas. Prosseguem-nas o marquês do Lavradio (1769), D. Luiz de Vasconcellos (1778) e o Conde de Rezende (1789).

Setenta e quatro anos mais tarde, já no Segundo Império, por ocasião da célebre questão Christie, que pôs em evidência a necessidade da defesa da nossa costa, realizam-se as grandes obras que deram à Fortaleza de Santa Cruz o seu imponente perfil atual. O Ministro da Guerra, Visconde de Camamu, manda erguer as duas ordens de casamatas que abrem as suas canhoelras como olhos de Argus a vigiar o panorama marítimo. Em 1877 Caxias e em 1882 o Barão de Loreto completam as obras que assim atravessam os últimos dias do Império e os agitados tempos iniciais da República.

A maior parte dos antigos canhões de Santa Cruz, que eram em número de centenas, ainda se conserva em pesadíssimas carrêtas, olhando pelas aberturas das canhoelras dispostas em três andares sustentados por gigantescas arcarias terminadas em abóbadas colossais.

A infiltração das águas que, nas grandes resacas, atingem até mesmo os altos terraços a vinte metros sobre o nível do mar, produziu a formação de estalactites e estalagmites, as quais, ao reflexo da luz nos escuros corredores, compõem fantásticos cenários. Pelas formações calcáreas, gôta a gôta, a água chora sobre as seculares peças de artilharia.

Nos subterrâneos, ao rés ou sob o nível do mar, abrem-se tétricas prisões, onde a imaginação dos soldados, desde o século XVII e principalmente depois do século XVIII, criou estranhas e pasmosas lendas.

Por ocasião das violentas tempestades tropicais, o mar, sublevado e explosivo, toma de assalto os três andares, invadindo-os pelas aberturas das canhoelras, e estronda num bramir cavo, que parece abalar a mole de cantaria, desde a penumbra das casamatas inferiores, até aos terraços à flor do céu, a coroarem-se de espuma.

Assentada na extremidade de um rochedo, em forma de península, que se apóia em alta montanha basáltica designada pelo nome de Pico, em cujo cimo assenta outra fortaleza, erguida em 1770 pelo Marquês do Lavradio, a velha praça de Santa Cruz parece uma mão daquele braço de pedra, abrindo sobre as vagas.

Muitas obras de interêsse histórico ou artístico se encontram dentro do vasto recinto que as ciclópicas muralhas defendem. Ali se vêem construções antigas, principalmente do século XVIII, tal como o chafariz do Conde de Bobadela, a igreja de Santa Bárbara, a Casa Forte e as pontes que estabelecem ligações internas.

Desde os tempos coloniais, a Fortaleza tem sido, além de praça de guerra, um presídio político. Ali estiveram, no reinado de D. Maria I, o poeta Alvarenga Peixoto e, no Primeiro Império, os irmãos Andrada, Martim Francisco, Antônio Carlos e José Bonifácio, quando D. Pedro I desferiu o golpe de Estado dissolvendo a Constituinte.

Entre os soldados, correm extraordinárias lendas sobre a fortaleza. Na hora de se designarem postos às sentinelas, os recrutas estremecem à idéia de serem mandados para o alto terraço ou para a porta subterrânea da «quinta prisão». Nesta (dizem) costuma aparecer, a horas mortas, a alma de um velho militar, o «Cabeleira», penteado à moda de D. João V, e às vezes, um esquelético anspeçada, que sai gemendo de um tenebroso corredor chamado «buraco da onça». Quanto ao terraço, a lenda é parecidíssima com a do Hamlet, de Shakespeare: um espectro passeia, lentamente, sobre os altos pátios.

De conformidade com os velhos regulamentos do Conde de Lippe, reorganizador do Exército Português ao tempo de Pombal, as sentinelas da Fortaleza de Santa Cruz, desde o século XVIII até hoje, gritam, de hora em hora, depois que a corneta toca silêncio, o impressionante:

— Sentinela alerta!

a que as outras respondem, sucessivamente, formando uma corrente de vigílias noturnas:

— Alerta estou!



Êsses brados comoviam-me quando, debruçado sobre o papel, ia escrevendo êste poema e meditando no dever que corre a todos os brasileiros de estar alerta contra os inimigos da Pátria, contra aquêles que querem destruir os seus fundamentos cristãos e suprimir a verdadeira soberania, a real independência da Nacionalidade.

A minha pena corria. Meu pensamento estava presente em tôdas as cidades da imensa terra do Brasil. O céu, carregado de estrêlas, coroava a silhueta noturna das muralhas. E o mar, o velho mar, testemunha de tôdas as lutas das gerações extintas, que legaram aos brasileiros um patrimônio de honra e de virtudes preclaras, gemia dentro da noite, a chorar de saudade e a cantar de esperança. . .

Foi assim que nasceu o «Poema da Fortaleza de Santa Cruz».

PLÍNIO SALGADO



Duguay-Trouin.

Quando os pátios da velha fortaleza
como pratos de pedra, abrem-se ao luar,
um fantasma passeia
passeia devagar...

Tudo é silêncio. Ao longe,
como visões estranhas:
as silhuetas das ilhas...
os perfis das montanhas...

Fulgura a noite. À sombra espectral das guaritas,
uma voz... outra voz... todo um côro reboou:

— Sentinela alerta!
— Alerta estou!

Êstes muros parecem mais antigos!
As pontes mais esquálidas! O mar
mais solene... E, solene, o fantasma passeia,
devagar... devagar...

A terra está sonhando. A terra veste
o vestido de luar. Põe a grinalda:
a Via-Látea. E o esplendor sideral do Infinito
sôbre o seu corpo o véu das estrêlas desfralda!

Desdobram-se na sombra as arcarias
da cidadela secular.

E o fantasma passeia,
devagar, devagar...

Bramindo sôbre a rocha, o mar cresce, acomete
a muralha, e entra, a uivar, nas velhas casamatas...
Um côro sepulcral a equórea voz repete
pelas abóbadas sombrias.

Em frente à Casa da Ordem, a pupila
verde de uma lanterna está desperta.
E eis que, o espaço cortando, ergue-se o grito insone:
— Sentinela alerta!

* * *

Sôbre o terraço mais alto, ao céu aberto, ao luar,
olhando êstes velhos muros, e a cidade que, ao
[longe cintila,
e escutando os rugidos do mar, e passando invisível,
junto às sentinelas, que sentem arrepios estranhos,
por que passeia o fantasma,
devagar... devagar...?

* * *

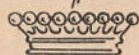
Quem é? E de onde veio? E que pretende,
afagando êstes antigos canhões, cuja voz se calou
para sempre? Êstes veneráveis dragões, cujos
[bramidos,
outrora o mar da Pátria, arrepiado, escutou?

Sim... Noutros tempos, naqueles tempos agora
[olvidados,
nossos avós erigiram, pedra a pedra, estas muralhas
sôbre os rochedos que cingem a terra do Brasil, como
[um braço
que, dos ombros do Pico, desce para a baía,
abrindo a mão de granito sôbre as ondas...

Naqueles tempos de virtudes heróicas,
os pulsos da Raça arrastaram para estas casamatas,
como elefantes de ferro, estas peças gigantescas
de artilharia. E, sôbre as carrêtas pesadas,
alongando o pescoço pelas aberturas das canhoelras,
êstes monstros puseram-se a perscrutar o oceano,
a perquirir os espaços, a sondar os navios errantes,
a vigiar nossa Terra!

(Além da barra,
na indecisão da luz e das sombras incertas,
quando uma nuvem cobre a alta efígie lunar,
parece que passam, imponderáveis, misteriosas,
as almas das caravelas belicosas:
corsários de Cavendish, marujos de Duclerc,
de Nicolau Villegaignon; navios portugueses
de Mem de Sá; e, esbatido ao palor do plenilúnio,
o espectro de Duguay-Trouin, com sua longa
[cabeleira...
São as almas das audazes fragatas dos mares
[austrais;

dos brigues, das canhoiras francesas e inglêsas,
e os altivos perfis de nossas esquadras,
quando iam para o Rio da Prata, e o Brasil era
[grande,
e o Brasil falava alto, e não pedia auxílio a ninguém!
Nosso Brasil!



Corde de Bobadela

Sôbre os pátios da velha fortaleza,
qualquer coisa de sutil anda suspensa no ar...
Tudo, em redor, se transcendentaliza...
E o fantasma passeia devagar...

Dir-se-ia que inspeciona as baterias mortas;
as abóbadas sonoras; as passagens subterrâneas;
os muros, que as mãos dos séculos pintaram
de fuligem, de musgo e de limo;
a velha cisterna esborcinada
do Senhor Conde de Bobadela; e as pontes em arco;
e os vetustos paióis da pólvora;
e os alojamentos silenciosos;
e as tétricas ladeiras que dão para o “buraco da
[onça”,
para as prisões tumultares que lembram histórias
do Conde de Monte Cristo;
e o fôssco, rasgado no basalto, e sôbre cujo abismo
alcandorava-se a ponte levadiça
dêste castelo roqueiro;
e as penumbras da Casa Forte;
e a igrejinha, tôda azul, de um azul ingênuo e
[delicado.
onde há o sepulcro de um defunto desconhecido
e a imagem milagrosa de Santa Bárbara;

e os pátios, com reflexos verdes
de lampiões coloniais pelos oitões de pedra;
e as sentinelas, de fuzil ao ombro,
nos recantos sombrios, nas bôcas das guaritas,
ou no alto das muralhas, com as cabeças
coroadas de estrêlas...

* * *

Os soldados, em vigília, repetem o grito misterioso,
que talvez nem êles entendam, porque significa
[muito mais,

muito mais do que podem supor,
neste instante da vida da Pátria:

— Sentinela alerta!

— Alerta estou!

* * *

As constelações inclinam-se para o ocidente.

O fantasma olha a imensa terra que se desdobra
do outro lado, estadeando, na fímbria do horizonte,
à luz da lua, além do Pão de Açúcar,
da Urca, do Corcovado, onde o Cristo, de braços
[em cruz, resplandece,

além, muito além,

quase invisíveis,

a Serra dos Órgãos, a Cordilheira do Mar, como
[um pano de bôca

das amplidões continentais...



É o Brasil, que lá está, com seus rios, suas florestas,
suas montanhas, seus vales em flor, suas cidades,
seu povo, sua poesia!

Porém a alma, onde está, dêsse Brasil enorme?
Dessa terra que, ao luar, tem-se a impressão que
[dorme?

O Espírito da Raça, em que lugar se esconde?
E a consciência das velhas tradições?
E a altivez dos antigos, que lutaram pela Independência,
e ergueram esta velha fortaleza
como um perfil de asceta,
como um eremita, áspero e soturno, sôbre a rocha,
pensando no Futuro, pensando em nós, pensando
no Brasil?

O fantasma caminha. Procuro decifrá-lo.
Figuro-me um colóquio e, figurando, falo:

“Sentinelas, que andais às horas mortas,
sob a luz do luar e das estrêlas,
junto aos muros antigos
de Santa Cruz!

Não temais o abantesma da velha fortaleza,
as histórias arrepiantes do anspeçada
que surge entre os velhos canhões,
ou a legenda fúnebre do Cabeleira
que aparece na bôca negra da quinta prisão...”

(Lá no alto, o espectro lentamente avança...)

“A sombra que nos contempla,
do alto terraço onde estavam outrora as baterias
a céu aberto,
é um fantasma invisível,
desconhecido de muitos,
pressentido, entretanto, por nós,
que amamos nossa Pátria,
porque êle é a alma do Brasil!

É um povo morto, um povo sem memória!
A alma de um povo é todo o seu passado!
Como pode existir a Pátria sem a História?
Sem tradição não pode haver soldado!

Quando o luar resplandece,
— ó sentinelas que estais
de olhos atentos na noite solene
a repetir o grito de dois séculos,
bradando “alerta estou!” —
quando o luar resplandece
em estilhas de prata no mar, em centelhas vibrantes,
nas arestas das rochas, nas quinas graníticas,
nas amuradas da velha fortaleza,
— é a alma da nossa Pátria, a nossa própria alma,
isto, que bate aqui, em nosso peito, freminho
de amor pela terra onde dormem nossos Maiores,
onde crescem nossos filhos e envelhecem nossos pais;
é isto, é êste sentimento, esta consciência nacional,
que se corporifica em nossos devaneios,
sôbre êste cenário de muros venerandos e terraços
[ilustres,
em noturnos, silentes e espetrais passeios,
à luz evocadora do luar!”



D. João VI

O mar estruge. E, agora, entrando pelas abertas
das casamatas, a sua voz se multiplica pelas
[abóbadas,

e parece voltar pelas bôcas das canhoelras,
como a própria voz das grandes peças
[valetudinárias...

São os canhões que estão falando. Falando
[para o mar.

Falando para o céu. Falando para a terra
[imensa. Falando

para o nosso coração.

(Sôbre o peito da colina, além do recinto murado
e da aldeia que trepa, como um pequeno rebanho
de cabras selvagens, pela encosta de árvores
[pensativas

na paisagem lunar,
as baterias modernas espiam
dos seus abrigos de aço...)

* * *

Cresce o clamor do mar na silenciosa terra,
na paisagem de ilhas embuçadas e de montanhas
[escuras.

Galopam as ondas coroadas de espuma e de luar.

E os velhos canhões da velha fortaleza,
esclerosados de ferrugem,
o pescoço alongando-se para o horizonte,
a bôca aberta como "ohs!" de admiração e de
[eloqüência,
falam, pela voz do oceano que estoura nas abóbadas
e multiplica mil estrondos de batalhas
pelas arcarias seculares.

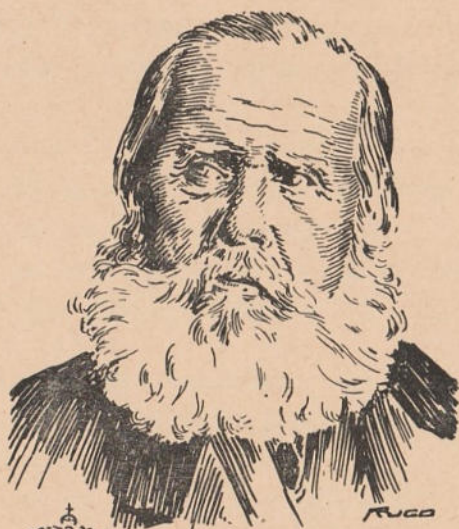
Na sinfonia wagneriana que retumba pelos átrios,
pelos corredores, pelas galerias ao lume d'água
e pelos terraços à flor do céu,
como que se escuta o ritmo das antigas marchas
[selvagens
dos Tamoios, com seus borés clamantes e o baque
[surdo dos tacapes;
o troar das escopetas francesas e dos mosquetes
[lusitanos;
os tropéis de Araribóia, de Salvador e de Estácio
[de Sá;
e, crescendo na noite, os clarins, os tambores
dos tempos dos Capitães-Mores e dos Governadores-
[Gerais;
e as salvas de artilharia saudando o senhor
[D. João Sexto;
e a coroação do senhor D. Pedro Primeiro;
e, marcando a cadência dos ribombos históricos,
a Regência do Império e a passagem do século
[dezenove,



pela Quinta da Boa Vista e pelo Terreiro do Paço,
com aquêles vultos inolvidáveis da Monarquia.

Surgem, dentro da noite, as visões do Passado!
Passam . . . processionais, grandiosamente!
E, no estrondo do Atlântico, sob os arcos sombrios
desta velha praça de guerra,
clamam, num câro imponente,
tôdas as páginas mortas, todos os episódios
de outrora, na augusta sinfonia
de uma espectral ressurreição!

Nos intervalos, nas tréguas do mar, quando as
[ondas recuam,
gôta a gôta caem sôbre os velhos canhões, pelas
[estalactites,
as lágrimas brancas das pedras.
As pedras estão chorando sôbre os velhos canhões...



D. Pedro II

Não é assim nas manhãs de sol, quando a
[viração desfralda
nossa linda bandeira verde-amarela no céu azul.
As gaivotas cortam o espaço, em bandos que vão
[e vêm,
da ilha Rasa à ponta do Imbui. As velas brancas
aflam, palpitam, na amplidão do mar.
Passam navios, majestosamente,
e, sôbre as frondes da alta escarpa, cresce
a música dos pássaros festivos.

Na radiosa alegria matutina,
êstes anciões de ferro, de pescoços de touros
avermelhados de ferrugem,
esquecem-se da sua velhice gloriosa,
porque as andorinhas, os pardais e os canários,
que moram nas copas das amendoeiras no pátio
[central do forte,
vêm voar sôbre as muralhas, entram pelas arcadas
[de pedra
das antigas baterias,
e pousam chilreando,
irreverentemente, infantilmente,
nos colos, nos ombros, nos peitos
dêstes velhos soldados do Brasil.

Então, êles contam as histórias bonitas que sabem,
à maneira dêsses encanecidos veteranos,
que deram baixa quando se usavam ainda aquêles
[uniformes,

aquelas dragonas, e aquelas espadas
que estão em panóplias, nos museus de armas,
entre os retratos de almirantes e generais
de grã-cruzes e colares da Ordem da Rosa.
Falam daqueles tempos em que os nossos navios
saíam, para impor ordem no Continente
e proclamar a augusta soberania da Pátria.

“Era uma vez” . . . Os passarinhos escutam.
Os velhos canhões contam a história
dos acontecimentos nacionais:
— o cruzeiro dos navios ingleses;
a famosa questão Christie;
a reconstrução desta velha fortaleza;
conversas com o Duque de Caxias
sôbre êsses casos em que púnhamos a nossa honra,
intimidades com o senhor D. Pedro Segundo . . .

Falam da República. Do velho Deodoro. (Êstes
[canhões
conheceram, pessoalmente, o Marechal Floriano
[Peixoto . . .)

Descrevem tanta coisa, narram tantos fatos,



Marechal Floriano Peixoto

como êsses avós patriarcais que viveram muito e
[viram tudo.

Contam . . . Mas, nem é bom repetir o que contam
aos pássaros cantores, nas manhãs de sol!

É por isso, talvez, que estas abóbadas de pedra
estão chorando, na noite de luar, sôbre os velhos
[canhões . . .

Agora o mar calou. As ondas recuaram
para essas regiões insondáveis e misteriosas
[do Atlântico

onde moram os mágicos maestros
que ensaiam, perenemente, as baladas da primavera,
as barcarolas das noites serenas,
as marchas fúnebres e os noturnos de Chopin,
as fugas de Bach, ao esplendor sideral,
as sinfonias de Beethoven, os prelúdios de Carlos
[Gomes,
pela orquestra das marés,
e a alma, a própria alma, revôlta aos ventos eternos,
de Wagner, grandioso e cósmico,
nas explosões retumbantes das ressacas.

Pesa o silêncio. E, no silêncio,
a Alma da Pátria está desperta,
tão viva, como o fantasma que passou.
Pelas muralhas, sobe um grito: "Alerta!"
E outro grito responde: "Alerta estou!"
O espectro do Passado vela insone
sôbre o nosso Presente, tão enfêrmo,
sôbre o nosso Futuro, tão incerto!
Sôbre os erros dos bons; a fraqueza dos tíbios;
a indiferença criminosa dos maus;

sôbre essa geral incapacidade de entusiasmo
pelas coisas nobres e belas;
sôbre os vícios, os crimes, as indecisões,
as tolerâncias, as transigências;
sôbre a melancolia dos inspirados,
dos poetas, dos sonhadores;
sôbre o letargo de todos os que se esqueceram
dos deveres supremos e das supremas renúncias!

Como Hamleto, no castelo da Dinamarca,
os que sofrem pela Pátria reconhecem,
na sombra errante e sobrenatural,
que passeia nos altos terraços, à fria luz da lua,
— a trágica majestade de um Espírito Imortal!



General Osório

Abre os olhos, sentinela!
Fica bem acordado!

Bem firme!

Bem vivo!

Bem atento,
soldado do Brasil!

Guarda,
no recesso das casernas,
no átrio das fortalezas,
no seio dos navios,
êsse Princípio Eterno,
essa Sagrada Essência,
êsse impalpável transcendental sentimento
que se chama
— a Consciência da Grande Nação!

Já no oriente aponta o alvor da aurora...

Desmaiam as estrêlas. Esvaem-se as sombras dos
[espetros.

O Cruzeiro se afasta para as ignotas regiões siderais.

Sôbre os pátios desertos, pesa um silêncio enorme...

Dorme a cidade, ao longe, e a terra inteira dorme...

Só tu, sentinela, estás desperta!



 Marques de Tancardané

Só tu, porque ninguém, na Pátria imensa, despertou!
Só tu, que gritas: “Sentinela alerta!”
ao teu irmão que brada: “Alerta estou!”

Alerta pelo Brasil, por nossa Pátria!
Alerta, como estiveram êstes velhos canhões, em
[outros tempos,
despedindo trovões sôbre as ondas do mar!
Alerta, como o Espírito Imortal das Tradições
[Antigas
que, nos pátios da velha fortaleza,
à hora morta da noite, passeia devagar. . .

Alerta, sentinela, porque o teu grito simboliza
a própria voz do Exército, e da Armada,
dos quartéis, dos aviões e dos navios,
a bradar, a bradar!
A dizer a todos os tristes,
a todos os amargurados,
a todos os que se inquietam porque amam o Brasil,
— que a alma da Pátria não morreu;
e está tão viva nos quartéis, nas fortalezas,
como estêve nas guerras de outros tempos,
quando
com o sangue dos bravos se escreveram
as luminosas páginas heróicas!

* * *

Grita
para as trevas da noite!



Duque de Caxias

Grita

para a amplidão!

Grita! Grita! porque só assim saberemos
que Osório está vivo!

que Caxias está vivo!

Como vivos também Tamandaré, Barroso,
e, mais vivo, o Brasil em nosso coração!
À fôrça de vigiar, hás de acordar a Pátria!
À fôrça de bradar, hás de vê-la desperta!

Brasil! Acorda! Acorda!

Brasil! Acorda! Acorda!

A aurora já desponta!

Daqui a pouco, ouvirás os toques da alvorada
pelas cornetas triunfais!

Brasil, acorda e escuta!

Escuta, ergue-te e vive!

E, vivendo, glorioso e digno, responde
nestas últimas sombras da noite,

à voz que grita nestes pátios:

— Sentinela alerta!

Responde, do fundo dos teus sertões, das tuas
[florestas,

das tuas campanhas,

das margens dos teus rios, do alto das tuas
[montanhas,

nas amplidões continentais:

— “Alerta estou!” “Alerta estou!”